VEREADOR RICARDO GOMES (PP) – Comunicação de Líder: Sr. Presidente, senhoras e senhores, acabamos de assistir aqui a mais um episódio da defesa do PT e do PSOL, Ver. Engº Comassetto e Ver. Roberto Robaina, não só de um ladrão condenado, mas dos regimes mais homicidas deste Continente. Há poucos dias diziam: " Vamos discutir o Chile" – dizia o Ver. Engº Comassetto. Pois vamos discutir o Chile e vamos discutir o que acontece na Bolívia. A Constituição da Bolívia proibia Evo Morales de concorrer à reeleição. Ele convocou um plebiscito para atropelar a Constituição. A Bolívia disse "não"! Ele perdeu o plebiscito, recorreu ao Supremo Tribunal Federal, o qual comandava e cuja maioria ele havia nomeado – como o PT fez no Brasil – para passar por cima da lei e por cima do povo, cuja maioria disse "não". Concorreu, e, durante a apuração das eleições, o Tribunal Superior Eleitoral, enquanto Evo estava perdendo, desligou o servidor que contava os votos. O servidor foi ligado novamente, e Evo ganhou no 1º turno, num movimento que nos lembra o que ocorreu, quando da abertura das urnas na eleição de Dilma Rousseff. Fraude eleitoral na Bolívia! A Organização dos Estados Americanos comprovou a fraude eleitoral na Bolívia. Um governo fraudador, antidemocrático, violento nas ruas e, por isso mesmo, queridinho da esquerda, porque é isso que V. Exas. defendem. O uso da violência para a tomada do poder é um instrumento dos senhores, e é o que estão fazendo no Chile. Vamos falar no Chile. Um movimento orquestrado e organizado como foi o Caracaço, Ver. Idenir Cecchim, quando, em Caracas, em 1988, promoveram o mesmo tipo de violência: queima de supermercados, queima da infraestrutura pública. No Chile, ferramentas especializadas foram utilizadas para abrir buracos na infraestrutura do metrô, para incendiar as estações de metrô, para destruir a cidade de Santiago, para tomar o poder pela violência, como fizeram na Venezuela. O risco agora é a violência na Bolívia, que já começou a ser deflagrada pelo partido de Evo Morales, para tentar trazê-lo ao poder como ditador, como aconteceu na Venezuela.

Ver. Roberto Robaina, os senhores não são contra a violência, vocês são a favor da violência como instrumento político, como já defenderam a invasão desta Câmara, defenderam a invasão do Congresso e defenderam, várias vezes, o uso da violência como método político. Os senhores não são democráticos, os senhores defendem qualquer ditadura que implemente o que os senhores pensam! Os senhores não são

democráticos! O nome do partido de V. Exas. – socialismo e liberdade – é uma mentira! Socialismo nunca coexistiu com liberdade; é um ou outro. O povo do Brasil escolheu a liberdade contra os senhores, e o povo de Porto Alegre também escolherá contra, de novo, contra o PSOL, o caminho da liberdade se Deus quiser. Os senhores defendem a violência e, Ver. Wambert, chamam esses regimes que criaram de democracia popular. Porque democracia não é. É democracia popular! A diferença que existe entre uma democracia popular, que é a da esquerda, e uma verdadeira democracia é a mesma que existe entre uma camisa e uma camisa de força; são ditadores disfarçados de democratas! E os senhores é que não passarão.

Para concluir, Sra. Presidente, nós temos, na pauta, hoje, esse projeto que diz respeito aos flanelinhas de Porto Alegre, aos guardadores de carro. Na CCJ, me manifestei pela inconstitucionalidade. Há dois elementos aqui que eu quero acrescentar: primeiro, fui apresentado a decisões judiciais que reconheceram como constitucional o projeto; eu tenho a minha opinião, mas, ante à manifestação judicial, vou acolher a manifestação judicial. Vou dizer o segundo elemento: a presença e o tipo de manifestação que a representação dessa categoria está tendo aqui hoje, para mim, mostra que não são trabalhadores defendendo a sua posição; estão aqui fazendo uma defesa ideológica dos partidos de esquerda. Por isso, eu voto a favor do projeto, Sra. Presidente.

(Texto sem revisão final.)